



### **A utopia de Fausto**

Danilo Chaves Nakamura

Em *Caminhos da esquerda: Elementos para uma reconstrução*, lançado recentemente pela editora Companhia das Letras, o filósofo Ruy Fausto apresenta uma imagem sugestiva. Para ele, a condição atual da esquerda é a de um homem perdido na floresta, nesse sentido, é preciso encontrar uma saída.

Reconstrução, nesse contexto, não tem o mesmo significado pretendido, por exemplo, por Jürgen Habermas no importante livro *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Nos artigos deste livro, o filósofo alemão tinha a pretensão de decompor o materialismo histórico e recompor em uma nova forma para que pudesse “assim atingir o fim que a teoria mesma se pôs”.<sup>1</sup> Tratava-se, em outras palavras, de pensar o materialismo no contexto de suas investigações sobre linguística, com o propósito de abrir novas e possíveis perspectivas para uma rigorosa crítica do capitalismo. Para Ruy Fausto, reconstruir significa apresentar uma crítica sobre os erros e as ilusões da esquerda. Apontar para certas doenças que acometeram a esquerda ao longo do século XX e início do XXI. Nas palavras do autor, uma perspectiva “eminentemente crítica”, mas que também se prolonga de maneira positiva, “num desenvolvimento programático”.<sup>2</sup>

Diante dessa “reconstrução” – que se apresenta inicialmente como uma imagem para pensarmos como a esquerda conseguiu se perder em suas velhas trilhas sem saída – vale, numa resenha crítica, destacarmos o que Ruy Fausto entende por “patologias da esquerda”. Também apontarmos para o lugar de destaque que ele reserva para os intelectuais. Remontar a crítica que ele apresenta ao PT. E, por fim, especular se o desenvolvimento programático do autor realmente abre novos caminhos (teóricos e práticos).

#### **Patologias da esquerda – um diagnóstico de longa data**

O diagnóstico de que a esquerda padece de sérias enfermidades não é novo. Se tomarmos o século XX como ponto culminante das “doenças”, iremos nos lembrar de Lenin, em 1916, acusando o “oportunismo” e decretando a “falência” da II Internacional. Ou ainda, em 1920, o mesmo Lenin, como dirigente mais importante da Revolução Russa, criticando o extremismo de esquerda, no clássico

---

<sup>1</sup> HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 25.

<sup>2</sup> FAUSTO, R. *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 11.



*Esquerdismo: doença infantil do comunismo.* A partir desses exemplos, rememoraremos que no contexto da Revolução Russa não faltaram vozes para criticar os descaminhos da esquerda (Rosa Luxemburgo, Julius Martov, Leon Trotski, Victor Serge, Mario Pedrosa e muitos outros que oscilaram entre o elogio e a crítica do grande acontecimento). No entanto, após as denúncias de Nikita Khrushchev dos crimes cometidos por Josef Stalin, a crítica contra as práticas da esquerda revolucionária adquire ares de desilusão. Fortalece-se também a ideia de “totalitarismo de esquerda”. Totalitarismo – conceito que inicialmente apareceu para explicar o capitalismo totalitário que se expandia e gerava conflitos mundiais – passou a ser usado como conceito para explicar ideologias organicistas do socialismo científico, ou então, para referir-se as condições materiais dos países em que governos totalitários ascenderam ao poder. O “atraso” alemão ou russo para explicar o nazismo e o stalinismo, respectivamente.

Há alguns anos, Ruy Fausto vem procurando diagnosticar as patologias da esquerda. Em *A Esquerda Difícil e Totalitarismos - o ciclo do totalitarismo*, o filósofo já faz um amplo questionamento da Revolução Russa a partir de uma bibliografia historiográfica bastante extensa. Nesse sentido, ele questiona as interpretações que explicam o nazismo e o stalinismo como variantes ou espécies de formas sociais conhecidas (o nazismo como variante do capitalismo monopolista ou o stalinismo como variante da sociedade burocrática). De acordo com as formulações expostas em *A Esquerda Difícil*, essas formas devem “ser entendidas como *diferentes* de tudo aquilo que conhecemos antes”. Elas podem até ter nascido de formas e movimentos conhecidos, mas “*nascer de* não significa ter a mesma essência”.<sup>1</sup> Para explicar o chamado totalitarismo de esquerda, o filósofo aponta para os “pontos cegos” da teoria de Marx e Engels, principalmente, naquilo que diz respeito a uma Teoria do Estado. Se Marx não é responsável pelo Gulag, como quer os extremistas liberais, para Ruy Fausto, não é verdade também que o marxismo seja totalmente inocente.

Nas palavras dele:

Em resumo, a análise de um certo número de textos de Marx e Engels em torno da violência, da “destruição” de povos, do terror, mostra como o marxismo, sem se comprometer com nenhum modelo do tipo daqueles que apareceriam nos Estados despótico-burocráticos do século XX, descarta a possibilidade de sua emergência, ou pelo menos elimina os elementos que permitiriam imaginar a sua possibilidade. Bakunin à esquerda, e por exemplo Nietzsche, sem dúvida, à direita, descreveram de modo muito realista os seus traços gerais<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> FAUSTO, Ruy. *Esquerda difícil – em torno do paradigma das revoluções do século XX e alguns outros temas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 12.

<sup>2</sup> Idem, p. 238.



Diante desse ponto cego, ou ainda, dessa negligência de Marx em pensar a violência, para Ruy Fausto, é urgente o desenvolvimento de uma teoria que demonstre a complexa relação entre capitalismo e democracia. Para além de uma mera forma jurídica, os estados democráticos, em alguma medida, realizaram conquistas que Marx estava longe de acreditar que fosse possível (previdência, férias coletivas, seguro desemprego, imposto de renda progressivo etc.). Em sentido contrário, as revoluções que liquidaram o capitalismo, liquidaram também a democracia e essas conquistas.<sup>1</sup> Essa posição marxista, podemos dizer, fez parte do passado de uma ilusão de uma certa esquerda que se perdeu numa *hybris* jacobina. Em suma, de acordo com os argumentos de Ruy Fausto, as experiências históricas do século XX jogaram por terra a ideia de uma “sociedade transparente” em que não haveria propriedade privada e, no longo prazo, o poder estatal.

A novidade de *Caminhos da esquerda* é a ampliação das formulações sobre outras patologias, ou seja, o reformismo-adesista e o populismo. As análises de outras experiências históricas serviram para Ruy Fausto sustentar um diagnóstico de época e reforçar sua crítica à experiência histórica da esquerda brasileira no poder. Para o autor, pensar essas outras patologias nos ajudam a pensar uma crítica em relação às frações da social democracia europeia que, nas figuras de Tony Blair ou François Hollande, por exemplo, aderiram ao sistema político-econômico dominante. E também lançar um olhar crítico aos governos populistas, em especial na América Latina, que na aparência são capazes de unir interesses de classes mais ou menos antagônicas, mas sob o pretexto de alçarem lideranças carismáticas autoritárias e de praticarem um laxismo na administração da riqueza pública. Com essas críticas, abre-se a perspectiva de percebermos que “vivemos nos últimos cem anos um período de alienação radical do projeto de esquerda em relação ao que ela representou na origem, e deveria continuar representando”<sup>2</sup>.

Que a esquerda tem um passado “difícil” e um presente incerto diante de tantas patologias que viciaram suas práticas, a maioria dos leitores concordarão, mesmo que tenham um entendimento de Marx distinto da leitura proposta pelo filósofo uspiano. Mas, a meu ver, as análises de Ruy Fausto tornam-se problemáticas quando ele começa a utilizar advérbios e prefixos para classificar, atenuar, graduar ou superestimar as formas de governo (*quase* populista ou *hipertotalitário*, e outros). Uma estratégia que o ajuda a salvar pontos da experiência histórica da social democracia europeia e até mesmo da experiência

---

<sup>1</sup> Idem, p. 241.

<sup>2</sup> Idem, p. 15.



petista no governo e, por outro lado, recusar quase completamente a Revolução Russa. Ele deixa de explicar os significados e os limites dessas experiências históricas quando passa a utilizar esse recurso argumentativo. Uma pergunta fica: o uso desses advérbios e prefixos não revelaria que os conceitos escolhidos são incapazes de dar conta das experiências que Ruy Fausto pretende explicar? O expediente, de qualquer modo, permite o autor salvar também uma distinção entre “direita” e “esquerda”. Estratégia retórica que faz cada vez menos sentido para uma explicação das atuais formas de governo, embora dê muito combustível para bate-bocas políticos intermináveis, como é o caso do debate entre ele e o economista liberal Samuel Pessôa.

### **Entre o silêncio e o argumento de ocasião, o engajamento**

Ruy Fausto reserva um lugar de destaque para os intelectuais. Para ele, o intelectual engajado dos dias de hoje poderia tirar lições da ala esquerda do Partido Socialista Revolucionário Russo. Se em 1917, essa parcela da *intelligentsia* propunha uma aliança entre a *intelligentsia*, os operários e os camponeses, hoje ele afirma que os intelectuais devem ter um papel substantivo com outras duas classes, as camadas pobres urbanas e os camponeses.

Em nossa opinião, Ruy Fausto, como leitor da historiografia sobre a Revolução Russa, deveria demonstrar como a comparação entre aquela experiência e os dias de hoje não funciona. A relação entre a *intelligentsia* e os camponeses na Rússia talvez seja a questão central para pensar o fracasso da revolução. Logo após a libertação dos servos em 1861, um evento tornou-se paradigmático para entender essa aproximação. Em 1874, intelectuais, estudantes e militantes dos centros urbanos russos engajaram-se na campanha *khozheniye v narod* (ir ao povo). Inspirados pelas teorias de autores como Herzen, Tchernichevski, Lavrov, Bakunin, Mikhailovski e muitos outros, jovens universitários lançaram-se para o campo russo para trabalhar, comer e vestir-se como um camponês. A pretensão desses militantes era transformar a realidade russa por meio de uma “atividade social”, ou seja, fortalecer as comunas rurais e criar cooperativas, por exemplo.

Como sabemos, o entusiasmo durou pouco. A repressão era brutal sob o regime czarista. Para além disso, a campanha em si demonstrou a rígida separação entre as classes urbanas e os camponeses na Rússia. Dois anos depois do fracasso da campanha, o *narodnik* Kravchinski disse para Vera Zasluch: “Eles escutam nossa gente como escutam os padres na igreja – com respeito, mas sem entender nada,



sem qualquer efeito sobre suas ações”.<sup>1</sup> Em 1876, escreveu Stepniak a Lavrov: “Não podemos mudar a maneira de pensar de um em cada seiscentos camponeses. (...) Todos começaram a perceber a necessidade de uma organização. Precisamos organizar uma revolta”.<sup>2</sup> Como os diálogos entre os *narodniki* deixam a entender, o resultado do fim da campanha foi o surgimento de estruturas mais rígidas de partido. Os partidos de esquerda que participaram da Revolução de Outubro surgiram do fracasso inicial da aproximação entre as classes. Sem entender o fosso entre as classes urbanas e rurais no Império Russo, fica impossível entender a revolução e a violência contra 90% da população orquestrada pelo Partido Bolchevique. Aqui devemos ser mais crítico que o filósofo em relação aos socialistas revolucionários, pois a questão não é a de identificar o partido minoritário na revolução que – na teoria – pensava melhor que os outros (aliança entre as classes, os bolcheviques também propunham). O importante para quem analisa o processo histórico é saber identificar a camada social que realmente poderia levar o processo emancipatório à diante, mas que foi impedida, em parte, pela uma falta de entendimento das vanguardas intelectualizadas em relação ao campo russo.

Analogias históricas à parte, Ruy Fausto não propõe nenhuma “ida ao povo”. Ele questiona a supervalorização da periferia e opiniões que sustentam que “o importante estaria na periferia. Ou no campo”.<sup>3</sup> Sem uma mobilização massiva das camadas populares, o filósofo sabe que será muito difícil vencer. Mas para ele, mais do que “mobilização”, estaria na ordem do dia, a necessidade de “esclarecimento”. Mesmo reconsiderando as intervenções da “dialética do esclarecimento” e sabendo que “os preconceitos e o racismo não seja privilégio dos ignorantes”, ele considera que nosso país tem um problema grave de *educação* do povo<sup>4</sup>, e isso trava a possibilidade de uma emancipação consciente. Assim sendo, “mobilizar as classes médias intelectuais e lutar para que a elas façam progresso em termos de lucidez política é uma tarefa maior”.<sup>5</sup>

“Os intelectuais votam, vão às ruas, enfrentam a polícia, escrevem e se manifestam por outras formas”, afirma Ruy Fausto.<sup>6</sup> Mas, no exercício dessas

---

<sup>1</sup> BERLIN, I. *Russian Thinkers*. New York: Pelican Books, 1978, p. 232.

<sup>2</sup> FERNANDES, R. C. *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, 36.

<sup>3</sup> FAUSTO, R. *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 183.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem, p. 182.

<sup>6</sup> Idem.



atividades intelectuais, há também muita confusão de ideias. Ele, por exemplo, apresenta diversas críticas as intervenções da sua colega uspiana Marilena Chauí. Na época do “mensalão”, após um período de silêncio, ela “saiu a público dizendo que a culpa era do sistema, não do PT”. Na esquerda intelectual, ele também critica autores como Alain Badiou e Slavoj Zizek que teorizariam no chamado campo “neototalitário”. Do outro lado da trincheira ideológica, Ruy Fausto ataca os argumentos e os delírios de intelectuais conservadores como Olavo de Carvalho, Luiz Felipe Pondé, Reinaldo Azevedo e Denis L. Rosenfield. Para ele, essa direita explora a fundo o totalitarismo de esquerda e o populismo, patologias que garantem um ambiente favorável para ela intervir e conspirar.

É diante dessa “esquerda” com patologias históricas e dessa “direita” violenta que Ruy Fausto lança a necessidade de reconstrução. Para ele, essa reconstrução passa por mobilizar e esclarecer “o setor mais avançado da classe média, em parte intelectual”<sup>1</sup>. Ele sugere a existência de:

(...) uns 5 milhões de pessoas, homens e mulheres, jovens ou menos jovens, de formação universitária, ou de formação secundária ou primária, que tem ideias de esquerda, mas que não se reconhecem nem no PT, nem no PSOL, nem nos partidos de extrema esquerda (para não falar do PSDB). Além desse contingente – e fora um setor claramente reacionário –, há uma massa de alguns milhões que busca se orientar e que não tem posição política bem definida. Em geral, essa massa condena, e com razão, as encartadas da esquerda oficial, em termos de lisura administrativa, mas também não se identifica propriamente com a direita. A meu ver, uma nova esquerda deveria se preocupar com esses dois setores<sup>2</sup>.

Não precisamos entrar no mérito dos números ou da orientação política sugeridos na citação acima, afinal, podemos levar de barato que tudo isso seja verdadeiro. O importante – para acompanharmos o raciocínio exposto no livro – é percebermos como Ruy Fausto aponta inicialmente para indivíduos atomizados e não organizados para pensar a “reconstrução da esquerda”. Ele também coloca a necessidade de pensarmos os trabalhadores em greve, os movimentos sociais e os setores organizados em geral, mas, para Fausto é claro que o proletariado deixou de ser o ponto de partida (e o ponto final) para uma esquerda em reconstrução. A base dessa aposta está no abandono da ideia de que a classe trabalhadora é o sujeito coletivo capaz de expropriar os expropriadores e, nesse sentido, acabar com a sociedade produtora de mercadorias dividida em classes antagônicas.

Marx questionaria essa ideia de Ruy Fausto de forma muito simples. Querer mobilizar sujeitos atomizados a partir de uma política representativa baseada no

---

<sup>1</sup> Idem, p. 82.

<sup>2</sup> Idem.



sufrágio universal, ou ainda, apostar em sujeitos incapazes de se organizarem como classe, diria Marx, é um dos caminhos do bonapartismo. Para Marx, os interesses dos camponeses franceses – indivíduos atomizados em propriedades parcelares representados por Luís Bonaparte – não geram entre eles “nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política”. Por conseguinte, os camponeses “são incapazes de fazer valer os interesses da sua classe no seu próprio nome, seja por meio de um Parlamento, seja por meio de uma convenção. Eles não são capazes de representar a si mesmos, necessitando, portanto, ser representados”<sup>1</sup>. Vale lembrar, Marx não estava falando dos camponeses “em geral”, tratava-se de uma análise específica sobre os camponeses franceses da metade do século XIX. A diferença é que os camponeses estavam divididos pela propriedade parcelar. Hoje, a classe média (e a classe trabalhadora em parte) está dividida por estar submersa em um mercado de trabalho e um sistema produtivo que se fragmentaram ao longo da história. Também pela inclusão social via consumo que não gera nenhuma identificação entre eles. Apesar do desenvolvimento dos meios de comunicação e da internet, os indivíduos se isolam e as organizações políticas se enfraquecem drasticamente.

Em nosso entendimento, apostas políticas com essa de Ruy Fausto – que não explicitam os vínculos objetivos (reestruturação produtiva, por exemplo) que atomizam os indivíduos e fragmentam as lutas por direitos sociais – podem, na melhor das hipóteses, reforçar os próprios temores causados pelos espectros do totalitarismo e do populismo.

### **Uma quase crítica ao petismo de governo**

Ruy Fausto demonstra certa dificuldade em classificar o governo petista. Ora chama de “populista”, ora fala em um “populismo *sui generis*”, ora afirma que o partido praticou algo comparável às políticas dos “neototalitários” e dos “reformistas-adesistas”. Mas – como ele mesmo afirma – isso é o menos importante, pois o que realmente importa é entender a experiência em perspectiva histórica.

Sendo assim, após narrar alguns momentos do PT em sua origem histórica, ele destaca que, no governo federal, o partido pôs em prática uma política de redistribuição de renda, garantindo nas cidades uma atmosfera democrática. Também assegurou a independência da Polícia Federal e do Ministério Público. No entanto, o êxito veio acompanhado não só de uma aliança de classes, mas “ao uso

---

<sup>1</sup> MARX, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 143.



abusivo da máquina do Estado em benefício do partido e de particulares ligado a ele”<sup>1</sup>. Para além da corrupção, o partido, em sua escalada rumo ao governo federal, tolerou ou praticou procedimentos mafiosos que envolvem violência e morte, como foi o caso de Celso Daniel em Santo André.

Dependendo da relação que se tem com o PT, o leitor pode afirmar que Ruy Fausto se saiu bem melhor que, por exemplo, Marilena Chauí na tentativa de explicar o atual momento histórico. Longe de afirmar que o partido foi vítima de juízes treinados pelo FBI, ou então, que as práticas de corrupção podem ser justificadas pelo sistema arquitetado por Golbery <sup>2</sup>, ele não abriu margens para um discurso retórico que aceite práticas que o partido recusava em sua origem. Em consonância com um senso comum mais ou menos inquestionável, Ruy Fausto soube elogiar as políticas de valorização do salário mínimo e a criação do programa Bolsa Família e criticar, principalmente, a arquitetura ilícita montada pelo PT para garantir a governabilidade e a perpetuação no poder.

Deste modo, para Ruy Fausto o PT não se limitou a “cometer certos erros”, o que houve “foi um sistema errado de poder e de administração”. Uma prática patológica comparável à “política dos neototalitários e dos reformistas-adesistas”. <sup>3</sup> Mas, já que não caiu nos argumentos “antiimperistas” de Marilena Chauí, Ruy Fausto precisava explicar melhor os limites e as possibilidades históricas de um governo de esquerda diante das regras e imposições da governança mundial. Wolfgang Streeck, por exemplo, vem demonstrando a difícil relação entre capitalismo e democracia no contexto dessas imposições. De acordo com o sociólogo alemão, o conflito distributivo se converteu em um cabo de guerra entre investidores financeiros globais e estados soberanos. Nas palavras de Streeck, desde a crise de 2008:

os mercados financeiros voltaram a cobrar de diferentes Estados taxas de juros amplamente distintas, aplicando graus diversos de pressão sobre os governos para convencer seus cidadãos a aceitar cortes de gastos sem precedentes - de acordo, mais uma vez, com uma lógica de distribuição centrada no mercado basicamente inalterada. Haja vista o montante da dívida assumida hoje pela maioria dos Estados, até elevações mínimas da taxa de juros dos títulos públicos podem causar um desastre fiscal<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> FAUSTO, R. *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p 30.

<sup>2</sup> Idem, p. 37.

<sup>3</sup> Idem, p. 30.

<sup>4</sup> STREECK, W. *As crises do capitalismo democrático*. In: *Novos Estudos*, n° 92. São Paulo: CEBRAP, 2012.





Ruy Fausto sabe como essa lógica sufoca qualquer tentativa de soberania nacional, seja o governo de direita, seja de esquerda. Ele questiona essas imposições vindas de instituições internacionais no debate que travou com o economista Samuel Pessôa. “Será possível que Pessôa acredite realmente que o receituário do FMI e do chamado “Consenso de Washington” foi favorável às economias nacionais? Consideremos, por exemplo, os casos da Indonésia, do Paquistão, da Tailândia e da Grécia. Acho incrível que alguém ainda suponha que essas receitas possam ter ajudado os povos”.<sup>1</sup> O passo que Ruy Fausto não arrisca é o de explicar o governo do PT nesse quadro mundial. Já que existe uma necessidade de esclarecimento, é necessário explicar que o lado positivo da experiência petista no governo é inseparável do lado negativo. O crescimento econômico que gerou empregos e possibilitou o aumento do salário mínimo fez também aumentar a destruição ambiental e o genocídio contra os povos da floresta. A facilidade de crédito para setores não privilegiados e os programas de habitação não estão separados dos recordes dos lucros bancários e do crescimento das grandes empreiteiras. Os programas sociais são somente aqueles previstos pelas instituições internacionais, enquanto os direitos sociais típicos de um estado social (educação, saúde e previdência pública, por exemplo), aos poucos, estão sendo transferidos para a iniciativa privada e administrados por uma racionalidade que envolve a concorrência.

Quando a crise econômica atingiu o mercado das commodities, o governo petista não tinha outra escolha a não ser fazer ajustes fiscais e reformas contra os direitos sociais de uma sociedade que nunca teve um verdadeiro estado de bem-estar. Isso acontece porque os mercados e as instituições internacionais exigem dos governos e dos cidadãos o comprometimento com a consolidação e o equilíbrio fiscal. E, nesse sentido, seja com o PT, seja com qualquer outro partido brasileiro as exigências não seriam diferentes. Seguindo Wolfgang Streeck novamente, “partidos que se oponham à austeridade precisam ser derrotados de modo retumbante”.<sup>2</sup> Por conseguinte, mais do que o ódio das classes dominantes que “nunca engoliram o fato, escandaloso, de ter um operário como presidente”<sup>3</sup> é nos mecanismos

---

<sup>1</sup> FAUSTO. R. *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p 128.

<sup>2</sup> STREECK, W. *As crises do capitalismo democrático*. In: *Novos Estudos*, n° 92. São Paulo: CEBRAP, 2012.

<sup>3</sup> FAUSTO. R. *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p 154.



tecnocráticos da governança mundial que devemos procurar os limites históricos da esquerda brasileira no poder.

Se partirmos dessa chave de leitura, talvez possamos entender porque o populismo e o neototalitarismo tendem a se fortalecer, afinal, vivemos num cenário mundial em que a democracia e a justiça distributiva estão sendo suspensas pela tecnocracia da governança mundial. O passado da esquerda certamente conta muito, mas serão nesses novos mecanismos que sufocam as democracias, que as patologias, de esquerda e de direita, aparecerão como verdadeiras parasitas para espoliar os cidadãos.

Os intelectuais já estarão cumprindo um papel importante se forem capazes de identificar e esclarecer as raízes desse problema.

### **Marx de ponta-cabeça como utopia**

Por fim, em seu esboço programático, Ruy Fausto diz que inverte a perspectiva marxista para pensar a sociedade no longo prazo. Para Marx, após a superação do capitalismo, teríamos uma sociedade que aboliria o Estado e a propriedade privada. Isso não seria uma utopia, pois utópico seria conservar os fundamentos do modo de produção capitalista que se autonomizam e geram exploração e desigualdades sociais. Já para Ruy Fausto, a experiência histórica da esquerda demonstrou que a ideia Marx é utópica e perigosa, por isso ele propõe uma inversão do que seria realista e do que seria utópico. Então ele propõe um projeto político em que alguma forma de dinheiro, de mercado, de Estado e de propriedade privada se conserve. Com essa proposta realista, Ruy Fausto acredita ser possível pensar uma agenda política que seja ao mesmo tempo democrática, anticapitalista e com consciência ecológica.

Nas palavras do autor:

A sociedade que temos em vista será bem menos transparente e, sem dúvida, menos solidária do que aquela em que Marx pensava. Porém, de qualquer modo, bastante solidária e com a vantagem de ser realizável. Em compensação, num mesmo movimento, seremos muito mais estritos na exigência de que a luta política não degenerem em violência sob a espécie de uma suposta *contraviolência*, sem falar no terror<sup>1</sup>.

O debate sobre a possibilidade de superação do capitalismo (reforma ou revolução) e sobre como será a sociedade futura abre margem para outra discussão interminável. Recentemente, Slavoj Žižek, ao comentar o livro de Thomas Piketty, foi bastante irônico. Para ele, o economista francês é utópico ao propor medidas “aparentemente modestas”, por exemplo, o aumento progressivo dos impostos para

---

<sup>1</sup> Idem, p. 105.



atacar a crescente desigualdade social que nasce da própria lógica de funcionamento do capital. Nas palavras do filósofo: “Às vezes a utopia não é anti-pragmática. Às vezes ser falsamente modesto, ser um realista, é a maior utopia”.<sup>1</sup> Ruy Fausto, como já destacamos, pensa o exato oposto de Žizek. Ele, certamente mais próximo de Piketty, prefere pensar numa reforma tributária. Mas vai além, fala, por exemplo, em fortalecer cooperativas e incorporar a pautas ecológicas na luta da esquerda.

Marx, em sua época, nunca perdeu muito tempo teorizando sobre como seria a sociedade futura. A forma de organização da sociedade pós-capitalista deveria ser encontrada pelos trabalhadores organizados, como foi o caso da Comuna de Paris, única revolução que os trabalhadores tomaram o poder que ele presenciou em vida. Sem entender a dinâmica das classes e dos indivíduos que resistem à exploração capitalista, do que vale a prescrição de como eles devem se organizar?

Mas, pretensões intelectuais a parte, o que falta, seja numa posição mais realista, seja numa posição mais radical, é a identificação das forças sociais capazes de neutralizar o capital. No século XIX, independente do que se possa afirmar sobre seu horizonte de expectativas, Marx foi capaz de identificar no movimento dos trabalhadores (luta pelo pela redução da jornada de trabalho, luta pelo sufrágio universal, luta contra a censura, luta pelo direito consuetudinário de pegar lenhas nas florestas, luta pelo direito de organização, etc.) a força capaz de se contrapor ao capitalismo da época. Hoje, enquanto não conseguirmos identificar as forças sociais capazes de imprimir interesses sociais contrários ao poder do capital, nós – anticapitalistas – continuaremos todos perdidos como o homem na floresta que precisa encontrar uma saída.

---

<sup>1</sup> ŽIZEK, S. *A Utopia de Piketty*. In: [blogdaboitempo.com.br](http://blogdaboitempo.com.br), publicado em maio de 2014.